

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 138 — Domingo, 29 de Janeiro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

## UMA LIÇÃO SOBRE FABRICO DE CONSERVAS

MINISTRADA POR UM TÉCNICO, A PROPÓSITO DO DEBATIDO PROBLEMA DA CRIAÇÃO DO CURSO DE MESTRE CONSERVEIRO

A PROPÓSITO do problema que se tem debatido nas nossas colunas sobre a criação do curso de mestre conserveiro, recebemos do nosso confratão sr. José da Cruz Azevedo, mestre de conservas residente no Porto, uma carta em que aplaude a criação da nossa Escola Técnica e na qual faz judiciosas apreciações acerca

daquele curso. Para melhor elucidação dos nossos leitores e porque na carta em questão há matéria que poderá aproveitar à indústria de conservas, vamos transcrever as seguintes passagens:

Escola Técnica, sim Senhor, para a formação de técnicos conscientes em vários ramos de actividade e para aqueles que não podendo frequentar as Universidades desejam obter êxito no mister escolhido.

Em conservas, porém, a melhor escola para a formação de um mestre conserveiro é a fábrica. Ali, sim; dia a dia, hora a hora, de manhã e à noite, num contacto permanente com as salmouras, com os geradores de vapor, com os aparelhos subsidiários destes; observar e resolver as deficiências, dar o tratamento conveniente aos peixes em função do estado em que os recebe, numa sequência, enfim, da maior atenção por todos os pormenores até à embalagem. Além disto, ser curioso, aprender a cozinhar — essa arte delicada e interessante do emprego de condimentos e composição de molhos, etc. Depois de reunir esta bagagem, ser humilde e compreensivo, pois não serão poucas as vezes em que terá de renunciar ao que sabe ou lhe parece tecnicamente mais perfeito, para adaptar-se às conveniências económicas da empresa que serve.

E pronto, sr. Director, aqui tem, um «specimen» dum mestre conserveiro, o único modelo, tal-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Imagem do Algarve!

Debruçadas sobre o caminho poeirento, as amendoeiras floridas são um poema de cor e de suave perfume, um motivo de encanto e de sedução para os olhos ávidos de beleza.



## SURTIU UMA FICCIONISTA

# PATRICIA JOYCE

Pelo Dr. ARMANDO BAGELAR

COM «O Pecado Invisível», publicado em 1955 na Coleção SEC, de Lisboa, e distribuído pela Sociedade de Expansão Cultural, Patrícia Joyce — que anteriormente nos deu dois livros de novelas, «Anúncio de Casamento e Outras Novelas» (de 1947) e «A maior distância» (de 1953) — veio afirmar-se na posse definitiva de apreciáveis qualidades de ficcionista.

E' já altura de se chamar a atenção para a contribuição de primacial importância dada pelas mulheres escritoras portuguesas às nossas letras actuais. Toda uma pléiade feminina, em que se destacam os nomes de Maria Lamas, Irene Lisboa, Ilse Losa, Judith Navarro, Celeste Andrade,

Bessa Luís, Manuela de Azevedo, Maria Archer e desta Patrícia Joyce, vem demonstrar que a mulher portuguesa atingiu uma maturidade e uma correspondente consciencialização que transcendem os velhos quadros dentro dos quais tradicionalmente se situava, quadros de subalternidade e de domesticidade de que muito raras saíam.

Logo «O Pecado Invisível», desde as primeiras páginas, nos atrai por um poder de comunicação humana, uma simplicidade de escrita, uma grafia literária limpa (certamente conseguida através dum esforço de criação aturado) a que geralmente não estamos habituados — ou não fomos habituados — ou não fomos habituados. A autora dá-nos, neste seu livro (mais novela que romance), o drama da mulher que, na impossibilidade de realização do amor com o homem que porventura a ama mas não a protege, acaba por aceitar um casamento, para si de conveniência, com outro homem que a estima e a protege, ficando sempre no espírito e na sensibilidade com o estigma da frustração daquele primeiro amor impossível. Só isto. Patrícia Joyce, porém, com este tema tão vulgar, consegue dar-nos com autenticidade a tonalidade afectiva que o drama assume na consciência da protagonista da sua narrativa. Lavinia, filha dum pequeno burocrata viúvo, que sonha erguer acima de si a filha única, estudante de Direito que se apaixonou por um colega de cujos amores lhe advém um sentimento de culpa na morte do pai, exprime-se na primeira pessoa, revendo os acontecimen-

tos do seu passado, em linguagem que poderíamos chamar cinematográfica, por analogia com o estilo e o clima de certos filmes. O drama desenrola-se em três ou quatro consciências, em três ou quatro vidas, na sua aparente banalidade; mas ele surge como catalizador e expressivo mesmo do que é exterior e transcendente a essas próprias vidas e consciências.

Foi François Mauriac — o Mauriac de «Le noéud de vipères», o das novelas da terceira década deste século, denunciador do espírito estreito da burguesia coeva, ainda não diminuído pelo receio

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Contos Gota

Por MARIA MANUELA NUNES

### A vida

Contei-lhes de uma terça-feira que me aconteceu disponível. Contei-vos que pretendia encher os pulmões de ar. Apenas. E afinal, dei com um armador de passarinhos, com um trapeiro de olhos amargurados, etc. Bem, mas recordo agora que não lhes contei tudo. Sucedeu que, a meu lado, no autocarro, se sentou uma senhora. Alemã, percebi depois. Alta, forte, construída em solido material. Solingen, puro.

— Menina — disse, em alemão, para uma garota que seguia na plataforma — segura-te bem.

Quando voltei a cabeça, ajetava ela um pequeno embrulho no regaço.

— Gostá de Portugal? — perguntei.

— Muito — respondeu num português fluente — conheço-o todo. De norte a sul.

— Já está por cá há muito tempo?

— Fez uma pausa. — Desde mil novecentos quarenta e quatro.

Tirou da malinha verde um retrato, que me mostrou.

— E' a senhora.

— Adivinhou.

— Vê-se.

— Oh, não, eu erra muito magrinha.

— Passaram-se só dez anos, pouco mais. Sorriu, frouxamente.

— Pois é... Nesse pouco mais, minha senhora, é que está tudo...

Fitei a menina que seguia atrás.

— Muito parecida. — E' minha filha. Vai na plataforma por causa do enjôo. O autocarro balança muito... Passou-lhe uma nuvem rápida

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA)

## À JANELA DA SAUDADE

Por A. Vicente Campinas

### JUSTA HOMENAGEM

NÃO deixei de estar presente à justa homenagem à que, durante quatro dezenas de anos, como mestra de crianças, deu o melhor da sua vida à Pátria: D. Maria dos Anjos Neves.

Comovi-me ante o ambiente de elevação com que decorreu esta manifestação de justiça e de reconhecimento de antigos alunos por uma sua professora. Tanto o rev. P.º Galhardo, que presidiu à sessão, como um dos seus promotores, o nosso amigo e jornalista Fernando Morais Rodrigues, puseram em realce o papel que o professor primário desempenha na sociedade. Um pequeno aluno leu um apreciável soneto alusivo ao acto. E com que naturalidade o fez! Ou me enganou muito ou temos, nesse pequeno homem, um futuro valor na arte de dizer!

O prof. sr. Francisco Caldeira, Delegado Escolar do Concelho, leu uma sua palestra com vigor e beleza. Sua missão ultrapassou, em muito, a expectativa. Prosa clara e leitura fácil!

Por fim, falou a homenageada. Emocionadíssima, soube, em escasas palavras, provar bem claramente o quanto de grande tal homenagem representou para o seu coração.

Bem, eu não soube explicar a mim mesmo como foi que um duro nó me apertou a garganta e um rio de lágrimas contido me forçou o olhar... Mas sucedeu assim. Como são sensíveis certos momentos para o coração humano!

### DESCONTROLE

A CONTECEU. Posso garantir que isto aconteceu. E foi há dias. Meu filho, de doze anos, meteu-se no comboio correio para vir até a sua casa. Cansado, o sono assaltou-o e dominou-o facilmente. Ficou presa simples de todos os possíveis acontecimentos...

Quando despertou, estava muito descontrolado.

## COENACULUM ARCUS - IRIS

Realizou-se no passado dia 25, em Lisboa, num dos salões da Casa do Alentejo, a 7.ª Reunião desta instituição de convívio intelectual e social, fundada, em Maio do ano passado, por um núcleo de diplomados em Engenharia pelos Institutos Industriais.

Foi conyidado de honra desta reunião o prof. catedrático dr. Delfim Santos, que proferiu uma brilhante conferência subordinada ao tema: «O mais grave problema». O dr. António Rodrigues Luz Correia, boiseiro do Instituto de Alta Cultura, dissertou, também, com muita elevação e brilho, sobre «A criança e a educação profissional».

A esta reunião, de que foi organizador responsável o nosso prezado amigo sr. eng. Jorge Manuel Freire Medeiros, assistiram numerosas personalidades da maior projecção social e intelectual no meio lisboeta.

## RESPOSTA

AO AUTOR DE «UMA CRÓNICA POR SEMANA»

Pelo Dr. ALBANO DE LENGASTRE

NÃO tenho o prazer de conhecer o sr. José dos Santos Marques, mas a leitura da sua «Uma crónica por semana», inserta no n.º 186 de «Noticias do Algarve», fez com que eu tenha a impressão de sermos conhecidos antigos.

E, desde que sua Ex.ª admte que as colunas do conceituado jornal estão abertas ao debate, aproveito o facto para expor a minha maneira de pensar e para ver se consigo, o que é difícil, fazer alguma coisa no sentido de beneficiar os doentes pobres. Falo com a autoridade que me dá o facto de ter feito o serviço de urgência num dos hospitais de grande movimento do nosso querido Portugal. O que ali vi, o que ali fiz e o que ali aprendi, permitem-me

falar com conhecimento de causa. Resta-me a consciência tranquila, porque o doente urgente foi sempre prontamente socorrido e, se em alguns casos a minha acção não foi suficiente, isso deve-se a um de dois factores: ou a doença ser daquelas que não têm solução possível ou ao atraso da auto-maca.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## DR. ARMANDO BAGELAR

O «Noticias do Algarve» tem a honra de contar, a partir de hoje, com a valiosa colaboração do distinto advogado e escritor, sr. dr. Armando Bagelar, a qual, por certo, muito irá agradar aos nossos estimados leitores e será um incontestável elemento de valorização destas colunas, que contam, entre outras missões, a de estarem sempre atentas aos problemas fundamentais da nossa época.

O dr. Armando Bagelar val dar-nos, através dos seus artigos e das suas críticas, os ensinamentos esclarecidos, os depoimentos inteligentes e oportunos que sempre esperamos dele, como um dos espíritos mais vivos e de maior projecção da nossa geração, onde, mercê dos seus dotes excepcionais, se guindou a um lugar de relevo.

## Construção da doca de pesca

Consta-nos, de fonte bem informada, que os trabalhos para a construção da doca de pesca do nosso porto terão início, o mais tardar, no próximo mês de Março. Esta empreitada está a cargo da firma Fernando F. Braga, a quem foi adjudicada pelo Estado, pela importância de 15.567.808\$00, no concurso realizado em Julho do ano transacto.

## ELEMENTOS ESCLARECEDORES

## PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A crise da sardinha na Galiza

No conselho Económico Sindical reunido em Vigo, foi apreciada a tese «A crise da sardinha na Galiza e as suas perspectivas», da autoria de Buenaventura Andréu, do Instituto de Investigações de Pesca, trabalho no qual se apre-

ciam as hipóteses que teriam levado ao desaparecimento da sardinha e se sugerem medidas para recuperar a normalidade da produção.

O citado trabalho termina com as seguintes conclusões, que foram aprovadas por unanimidade:

1.º A actual crise sardineira que atravessa a Galiza obedece a causas naturais, alheias à acção da pesca, e é agravada pelos primitivos métodos de exploração e pela limitada área de pesca.

2.º As alterações hidrográficas sofridas pela ria de Vigo no decurso do tempo podem ter contribuído para que a sardinha não encontre presentemente condições adequadas para a sua penetração.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## Posse de dirigentes da União Nacional

Na sede da União Nacional, em Faro, foi dada posse, no dia 22 do corrente, aos corpos directivos daquele Organismo neste distrito.

No cargo de vogal da Comissão Distrital foi empossado o sr. José Rodrigues Marques, despachante oficial nesta vila, e na presidência da Comissão Concelhia de Vila Real de Santo António foi provido o sr. dr. Reinaldo Raul Prazeres, distinto médico municipal deste concelho e guardador de saúde.

Aos novos empossados, endereçamos efusivas felicitações.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

A fim de passar o 1.º aniversário de sua filha Alice, no dia 26 do corrente, com sua família, encontra-se nesta vila, vinda de Lisboa, a sr.ª dr.ª D. Maria das Dores Medeiros Madeira Nobre, esposa do nosso amigo sr. dr. Ivo Neto Madeira Nobre, distinto advogado nesta comarca.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso prezado amigo e colaborador sr. Alvaro Duarte Gomes, residente em Algós.

### Nascimento

Num quarto particular da Maternidade da Santa Casa da Misericórdia, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Antonieta Rosa Camarada, esposa do nosso estimado amigo sr. Luís Gonçalves Camarada, digno gerente da Agência do Banco Português do Atlântico nesta vila.

### Pedido de casamento

Para o sr. dr. Frederico dos Santos Lopes Rodrigues, professor do Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, foi pedida em casamento a sr.ª D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques, gentil filha da sr.ª D. Maria Clara Vaz de Barros Vasques e do sr. José Maria de Barros Vasques, nosso prezado amigo, assinante e distinto funcionário do Banco de Portugal em Portimão.

### Doente

Tem passado incomodado de saúde o sr. Agostinho Fernandes Piloto, nosso prezado assinante no Barreiro.

## Falecimentos

### José Silvestre

Em 9 do corrente, faleceu nesta vila o sr. José Silvestre, de 82 anos, pedreiro, viúvo, natural de Lagoa (Castro Marim) e residente nas Hortas desta freguesia. O falecido era pai das srs.ªs D. Maria da Encarnação S. Cabrita, residente no Barreiro, D. Elvira Silvestre Ribeiro, residente em Porto Santo e D. Antónia Guerreiro. Cerina Silvestre, e avó do nosso prezado assinante sr. António Isidro Ribeiro, aos quais apresentamos sentidos pésames.

### António Rodrigues Pisco

Faleceu nesta vila, em 10 deste mês, o sr. António Rodrigues Pisco, de 72 anos de idade, marítimo, natural da Luz de Tavira. Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Luz, residente nas Hortas, e era pai da sr.ª D. Maria do Carmo Pisco. Apresentamos condolências à família.

### D. Catalina Nuñez More

No passado dia 13, faleceu no Hospital desta vila a sr.ª D. Catalina Nuñez More, com 70 anos de idade, viúva, natural de Villa Nueva de los Castillejos (Espanha) e aqui residente há muitos anos, onde era muito estimada. O seu funeral foi muito concorrido.

### João Fernandes Júnior

Faleceu nesta vila, em 14 do corrente, o sr. João Fernandes Júnior, de 49 anos, marítimo natural desta freguesia, onde também morava. Deixa viúva a sr.ª D. Inocência Gomes Ramires, encarregada de fábrica, e era pai dos srs. Custódio Ramires Fernandes e João Ramires Fernandes, a quem apresentamos condolências.

Estes funerais, estiveram a cargo da Agência Viegas.

### José Velasco Ximenes

Na vizinha cidade de Almonte, faleceu o sr. José Velasco Ximenes, mecânico, casado com a sr.ª D. Angélicas Ortíz Palma e pai da sr.ª D. Dolores Velasco Ortíz e da sr.ª D. Margarita Velasco Ortíz (Margó), locutora da Rádio Ayamonte, sobrinho da sr.ª D. Camilla Palma Rita, do sr. António da E. Palma Rita e do sr. Joaquim da Palma Rita, chefe da Secção de Processos do Tribunal de Sintra e nosso estimado amigo e assinante naquela localidade.

À família entulada, as Notícias do Algarve apresenta sentidos pésames.

### José António Chumbito

Em Setúbal, onde residia há muitos anos, faleceu no dia 16 do corrente o sr. José António Chumbito, de 84 anos, industrial de pesca, natural desta freguesia. O falecido, que del-

## CALENDÁRIO JANEIRO

Nisto que vai seguir-se, infinda versalhada sem jeito nem trambelho, autêntica estopada, ultraje sem igual à clássica poesia pelo conceito chocho e pela bizzarria,

Ficará registado, em breve apontamento, o que, digno de nota, ocorra no momento; um resumo será lavrado, mensalmente, para não dar fastio à conterrânea gente.

Da terra citar-se-á tudo o que envolva glória e possa traduzir-se em projecção na História, o esforço, o progresso, as inaugurações, os actos de mais brilho, as grandes ocasiões!

Do orbe narrar-se-á quanto, valendo a pena, à leitura não roube a pretensão amena e o que fixar aqui julgemos necessário, enquadrado será no título: Calendário.

Assim, está o leitor a conhecer o esquema e começa o autor a penetrar o tema; e que tema melhor, para principiar, que o do novo Ano Novo, há pouco a vegetar?

Foi este recebido em um, como é costume, sem largos escarceus e sem grande azedume; nem houve nem deixou de haver certa balbúrdia e alguma bebedeira um tanto estapafúrdia...

Chegou o rei dom frio, a par do ano novo, em menos de um foguete enregelando o povo; após el-rei frescal vieram chuvas bravas em que a pobre Albufeira é que pagou as favas.

Olvidemos, porém, o lado atmosférico, chamando as atenções para outro, mais feérico e mais consolador, com dádivas e prendas; sabem, decerto, o que é: o Cortejo de Oferendas!

Esforço generoso em prol do Hospital, sempre lhe canalisa uma receita anual; os lucros deste ano, um pouco mais graúdos, ultrapassaram já cinquenta mil escudos...

Maior receita haverá no próximo Cortejo (dado o fim altruista, quem não tem tal desejo?) se for interpelada, a par do bom bairrismo, a força viva e sã e forte do clubismo!

Cada clube local um carro apresentando e todos, à compita, enchendo e enfeitando! A ideia nasceu do carrinho escuteiro, ninguém, com isto, quer armar em conselheiro...

Se se estudar, com tempo, o que deixamos dito, o Cortejo virá mais rendoso e bonito. E agora, até Fevereiro, leitoras e leitores, que nos espera o Entrudo e seus feios esplendores...

E. DE CASSIM

## Agradecimento

A professora Maria dos Anjos Neves, ressaltando qualquer possível omissão por falta de endereços, vem por este meio agradecer, profundamente sensibilizada, a todas as pessoas que se dignaram assistir à sessão de homenagem de que foi alvo, ou de qualquer forma lhe manifestaram a sua amizade e simpatia, a propósito do mesmo acto.

## AVISO

### Clube Recreativo Lusitano

Convoco a Assembleia Geral Extraordinária a realizar nas dependências da Glória Futebol Clube, no dia 8 de Fevereiro p.º f.º, pelas 21,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

### Dissolução da Gerência presente e Eleição de Novos Corpos Gerentes

No caso de não estar presente a maioria, a mesma funcionará meia hora depois com qualquer número de sócios.

Vila Real de Santo António, 27 de Janeiro de 1956.

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia geral  
Manuel Francisco d'Horta

za viúva a sr.ª D. Antónia dos Anjos Ruivinho Chumbito, era irmão do sr. António Chumbito, residente em Monte Gordo; pai da sr.ª D. Francisca Chumbito Ruivinho e sogro do nosso estimado amigo e assinante sr. António dos Anjos Ruivinho, comerciante nesta praça e presidente do Lusitano F. C., desta vila.

A família entulada, exprime-mos o nosso pesar.

## CAMPANHA

### DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Prosseguem com grande actividade, no nosso Distrito, as Missões Culturais da Campanha Nacional de Educação de Adultos, que têm actuado ultimamente, em especial, junto dos Cursos de Adultos em funcionamento.

Utilizando-se aparelhagem própria, têm-se feito audições de lições gravadas, chamadas «Cartas Palantes», nas quais se estimula o interesse pela aprendizagem e se ministram também algumas noções culturais, principalmente de Língua Pátria e Higiene.

Na 2.ª parte desta «1.ª Carta Palante», sugere-se a ideia de se formarem, com os alunos dos Cursos, Grupos Cénicos, ideia que tem sido acolhida na maioria com grande entusiasmo.

Também nos dias 14 e 15, se realizaram sessões de cinema na Escola do Magistério Primário de Faro, e em Gorjões.

## CARNAVAL

### SERRENTINAS e CONFÉTIS

— em lindas cores —

### MÁSCARAS, SURPRESAS, BRINQUEDOS e FOGOS DE ARTIFÍCIO

— próprios para Carnaval —

### Aos melhores preços

Preços especiais para revenda

Peçam Catálogos grátis à Casa especializada nestes artigos

### ANTÓNIO TORRÃO

Telefone 304

GOVILHÃ

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Sociedade orfeónica

Realizou-se, na passada sexta-feira, dia 13 do corrente, na sede da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, a Assembleia Geral para a eleição dos corpos gerentes para o corrente ano, cujos resultados foram os seguintes:

**Assembleia Geral** — presidente, dr. Eduardo Viegas Mansinho; vice-presidente, José António dos Santos; 1.º secretário, Emiliano do Nascimento Palmeira; 2.º secretário, José Ventura dos Anjos Palmeira.

**Direcção** — presidente, José Rodrigues Horta; vice-presidente, Acácio Fernandes de Figueiredo; 1.º secretário, José Gago Afonso; 2.º secretário, Abílio Henriques da Encarnação; tesoureiro, José de Oliveira.

**Substitutos** — 1.º secretário, Manuel Joaquim Domingos Barqueira; 2.º secretário, Virgílio Evaristo Cavaco; tesoureiro, Joaquim Porfírio Pires Faleiro.

**Conselho Fiscal** — presidente, Rogério Pedro Pereira Leiria; secretário, Dumínense Mendonça Feliciano; relator, António do Nascimento Palmeira.

#### Falecimentos

No dia 13 do corrente, faleceu em Lisboa, aonde fora procurar alívio para os seus males, o sr. José do Carmo Chagas, de 65 anos, industrial de sapataria, natural desta cidade. O falecido deixa viúva a sr.ª D. Maria do Rosário Chagas, com quem era casado em segundas núpcias; era pai dos srs. Custódio Marcelino Chagas, José Nicolau Chagas, Emídio do Carmo Chagas e irmão da sr.ª D. Brites das Dores Chagas. O corpo foi removido para esta cidade e ficou sepultado no Cemitério Municipal.

Também, no dia 17 do corrente, faleceu nesta cidade o sr. Vicente dos Mártires, natural desta cidade e antigo hoteleiro da «Pensão Séqua». O falecido, que contava 66 anos de idade, deixa viúva a sr.ª D. Antónia dos Mártires, e era pai da sr.ª D. Maria da Assunção Mártires.

As famílias entuladas, endereçamos sentidos pésames.

#### Inundações

Novamente a freguesia da Conceição de Tavira ficou bloqueada e

## ALFAIATARIA

Daniel Rodrigues Palma, com Alfiataria no AZINHAL, participa a todos os seus Ex.ºs.ºs. Clientes, amigos e ao público em geral, que em colaboração com seu filho Manuel Gonçalves Rodrigues Palma, possuidor do Diploma de Corte passado num dos melhores estabelecimentos do género, se encontra apto a confeccionar todo o vestuário para cavalheiros ao mais requintado gosto dos seus clientes.

#### Aniversário

Em 14 do corrente, completou 24 rissonhas primaveras a menina Virgínia Maria Alberto. Que se repitam por muitos e bons, são os nossos votos. — e.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

## VENDE-SE

Uma Envlada a motor, completamente equipada, com as seguintes dimensões:

Comprimento . . . . . 11,65 metros  
Boca . . . . . 4,15 «  
Pontal . . . . . 2,00 «  
Tonelagem . . . . . 12 Toneladas

equipada também com um motor BOLINDER'S de 50 H. P. e dinamo e instalação eléctrica de 6 W.

Quem pretender dirija-se a:

BENTO MAÇANITA - Portimão

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 21 a 27 de Janeiro:

**Entrados:**  
ZE MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

LISBOA, Alemão, de 1.434 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.  
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

RABAT, Alemão, de 1.434 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.  
SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com combustíveis líquidos.

**Saídos:**

LISBOA, Alemão, para Roterdão, Bermen e Hamburgo, com conservas, gralhina de alfarroba e cortiça, e em trânsito para a Checoslováquia, Áustria, Suíça e Birmânia.

RABAT, Alemão, para Bremen e Roterdão, com cortiça e alfarroba.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.  
ZE MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 28 de Janeiro a 3 de Fevereiro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

## CONTA GOTAS

[CONCLUÍDO DA 1.ª PÁGINA]

nos olhos verdes e continuou: — Eu também era assim. Depois habituei-me. Afinal, a vida ainda dá mais balanço do que o autocarro...

E um sorriso triste amacia-lhe os lábios duros.

#### Sugestão

Não sei se repararam na construção das primeiras frases da gota anterior: «...Conte-lhes que pretendia encher os pulmões de ar. Apenas.» Influência nitida de Graciliano Ramos. Aquele apenas, com um ponto final de cada lado, é só dele. Graciliano tirou patente. Julgo que nenhum prosador me interessou e me ensinou tanto. Por exemplo: que uma linguagem pode ser simples e rica. Por exemplo: que é preciso aprender com o povo a nossa língua. Aprender com a fonte viva, por exemplo...

#### Por exemplo

Graciliano estava doente. Sofrera muito. Necessidades, enxovalhos... Aos quarenta e três anos parecia ter sessenta e cinco. Estou a vê-lo. Escabeitado, olhos de febre e insónia. Total inapetência. Dias e dias só com a minúscula garrafinha de leite, uma banana e uma laranja.

Não muito longe vive um desconhecido. Um homem ainda novo, mas doente. Tuberculoso. Graciliano acha que, bem vistas as coisas, pode alimentar-se perfeitamente com a banana e a laranja... Desfaz-se da garrafa de leite.

Parece-me que é assim que o terei para sempre na imaginação; escabeitado, olhos de febre e de insónia, herói sem pose. Herói.

#### O mais certo

Onde há um prédio antigo e pequeno, deita-se abaixo e levanta-se um monstro. De rendas monstruosas, claro. Há dias parei eu de frente de uma casa a desbastar. Quatro homens enchiam de entulho o camião. Sou capaz de estar horas a fio a admirar o pavém dos homens e das máquinas. Sem me aborrecer. Como se visse um filme de desenhos animados. Desta vez entretive-me a contar as viagens que as pás faziam do entulho para o ventre conformado da Hanomag. Cheguei às oitocentas e trinta e, fatigada, abandonei o jogo. A calça fazia uma pequena lomba em cima do estrado. Ando há quanto tempo para escrever um romance. Mas as quatrocentas páginas deixam-me indecisa. Será que as vou encher com proveito para o leitor? Será que o vício de escrever coisas miúdas não produzirá um romance desgastado, claudicante?

Os operários continuavam a encher o bandido da serena Hanomag. Eles não punham problemas que não passam de pseudo-problemas. Não ficará o entulho bem distribuído? Haverá interesse em encher o camião? Etc.

Carregam o camião e pronto. Então me convenci de que, o mais certo, para mal das letras pátrias, um romance ia nascer.

Maria Manuela Nunes

# ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

3.º Recomenda-se a exploração prévia das águas que cobrem a plataforma continental galega, assim como as possibilidades de captura ao largo, nas diferentes épocas do ano.

4.º Considera-se indispensável a renovação da frota sardineira, que deverá contar com modernas instalações de detecção e captura, elementos de conservação e autonomia suficiente para operar nas águas de Marrocos, assim como para poder concorrer às pescarias de arenque do Norte da Europa. Enquanto não se oriente a frota no sentido de exercer a pesca em áreas submetidas a flutuações de diferente período ou de espécies várias, a indústria não poderá contar com a necessária continuidade de matéria prima.

5.º Tendo em conta que a sardinha galega não está sobre-explorada e que, pelo contrário, a sua pesca se faz exclusivamente quando acidentalmente entra na ria (Vigo), muitas vezes para não voltar, consideramos que não existem razões biológicas nem económicas que aconselhem a proibição temporária de pescar esta espécie nos meses que correspondem à reprodução. A dita proibição ocasiona, nas circunstâncias actuais, a perda daqueles cardumes que entram nas rias durante os meses de Fevereiro, Março e Abril, o que pode corresponder a oito por cento da pesca capturada anualmente.

**Consumo de energia eléctrica** — O consumo de energia eléctrica nas principais localidades do Algarve, no ano de 1954, em Kwh, foi o seguinte: Faro, 1.360.016; Olhão, 1.156.959; Portimão, 956.207; Vila Real de Santo António, 580.758; Silves, 432.783; Lagos, 841.011; Loulé,

273.668, e Tavira, 256.518. O número total de consumidores na provincia é de 19.014 e o total de consumo subiu a 6.989.329 Kwh.

**Trocas comerciais** Temos presente um documento do estudo sobre as relações comerciais entre a Holanda e a Itália, e parece-nos conveniente extrair dele alguns números que interessam ao Algarve. Assim, os holandeses, que em 1938 importaram da Itália frutos secos no valor de 25,5 milhões de liras, absorveram em 1954 o volume impressionante de 1.278,1 milhões. Quanto a legumes e hortaliças frescas, verifica-se que a importação, que era de 62 milhões em 1950, subiu para 535,5 em 1954. Por sua vez, a Itália, que importava da Holanda, em 1950, 526,2 milhões de ovos, adquiriu, em 1954, o número impressionante de 3.668,8 milhões. (A propósito: far-se-á no Algarve a exploração racional de aviários?). Os legumes e hortaliças frescas importadas da Holanda em 1953 atingiram o volume de 1.626,8 milhões, o qual desceu, no ano de 1954, para 896,5 milhões. O valor do peixe importado em 1954 pela Itália, de proveniência holandesa, foi o seguinte: peixe frigorificado e congelado: 457,6; peixe preparado, 222,2 e peixe seco, salgado e fumado, 200,8 milhões de liras. — J. B.

**ÓCULOS**  
para sol e vista cansada e sob receita médica  
Consulte a:  
**Agência Comercial e Marítima do Sul**  
— Telefone 76 —  
Vila Real de Santo António

## Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António

# ANÚNCIO

**Reparação e Beneficção do Caminho Municipal de Manta Rota à Nora (E. N. 125) passando por Buraco (E. N. 125) a Gacela — 2.ª fase, na extensão de 3.597 metros.**

Faz-se público, conforme o deliberado na reunião ordinária desta Câmara, do dia 18 de Janeiro corrente, que no dia 15 do próximo mês de Fevereiro, pelas 15 horas, se realizará o concurso público para adjudicação da empreitada em referência.

**Base de Licitação . . . . . 239.108\$00**  
**Depósito Provisório . . . . . 5.977\$70**

O depósito definitivo será de 5% do valor da adjudicação.

As propostas, acompanhadas do documento comprovativo de ter sido efectuado o depósito provisório na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou em algumas das suas agências ou delegações à ordem desta Câmara, serão recebidas até às 17 horas da véspera do concurso, nesta Câmara Municipal.

O projecto, programa de concurso e respectivo caderno de encargos estão patentes em todos os dias úteis, na Secretaria da Câmara, durante as horas normais de expediente, e bem assim na Direcção de Urbanização de Faro.

Para constar se passou o presente e idênticos, aos quais vai ser dada a devida publicidade.

E eu, José da Silva Rodrigues Moraes, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, 23 de Janeiro de 1956.

O Vice-presidente da Câmara, em exercício,  
*Matias Barroso Gomes Sanches*



# DESPORTO

## FUTEBOL

### CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO (Zona Sul)

Começou a disputar-se, no último domingo, o Campeonato Nacional de Futebol da III Divisão. Eis os resultados da Zona D — 8.ª Série:

Lusitano, 3 — Silves, 0  
Esperança, 1 — Despertar, 2  
Serpa, 7 — S. Domingos, 1

#### LUSITANO - SILVES

Jogo realizado no Campo «Francisco Gomes Socorro» e cujas equipas tiveram a seguinte constituição: Lusitano: Ramos; Rui, Pescada e Viegas; Padesca e Louro; Amílcar, Marco, Raimundo, Travaços e Ramires.

Silves: Inácio; Armindo, Vicente e Pargana; José Maria e Fernando; Alves, António Pedro, Fernandes, José Domingos e Mimoso.

Árbitro: Manuel Valente, de Beja. Deste encontro saiu vencedor o Lusitano pelo score de 3-0, golos marcados por Raimundo e Padesca, este de grande penalidade, respectivamente, aos 4 e 40 m. da primeira parte, e por Ramires, aos 18 m. da segunda.

O Lusitano foi o justo vencedor deste encontro, e não era de estranhar se o resultado tivesse sido mais volumoso, pois os rapazes do Lusitano poderiam, se a sorte não se lhes tem negado, ter feito um resultado mais robusto e que estaria mais de harmonia com o domínio insistente que a equipa vilarealense sempre disfrutou ao longo de toda a partida.

O grupo lusitanista empregou-se com muita alma neste prélio, e conseguiu levar de vencida desta maneira, a melhor ordenação dos lances por parte dos silveses. No entanto, estes nunca causaram grande perigo para as balizas do Lusitano, pois os seus avançados não se mostravam expeditos no remate.

Assim saiu vitoriosa a equipa da casa, que não realizando grande exibição, jogou o suficiente para ter jus ao triunfo.

No Lusitano, temos a salientar o trabalho do guarda-redes, que se mostrou muito seguro, todas as vezes que foi chamado a intervir; do defensor central, Pescada, que denunciou grande autoridade; a boa forma revelada por Padesca, e os avançados Amílcar, Marco e Travaços, o primeiro em alguns remates que causaram certo perigo, pois foram disparados com grande violência e bem colocados.

Nos silveses, há a pôr em evidência o trabalho do guarda-redes, que realizou boa exibição, jogando todos os outros mais ou menos no mesmo plano.

A arbitragem foi boa.

#### ESPERANÇA-DESPERTAR

Vitória da equipa mais feliz, pois não era de supor que o Despertar alcançasse o triunfo, porque o jogo decorreu equilibrado e só no segundo tempo lograram alcançar os tentos que lhe deram os preciosos dois pontos.

#### SERPA - S. DOMINGOS

Excelente exibição dos rapazes de Serpa, que conseguiram marcar sete pontos contra um dos mineiros, mercê do seu domínio ao longo de toda a partida.

S. Salas

#### Foram escolhidas

Lagos e Vila Real de Santo António para etapas da Volta a Portugal em bicicleta

Realiza-se em Agosto a Volta a Portugal em bicicleta. A partida é de Lisboa, no dia 5, terminando a etapa em Lagos. A etapa imediata, contra-relógio, é em Vila Real de Santo António, onde os ciclistas chegarão no dia 6, partindo, no dia imediato, para Évora, pela estrada de Beja.

### CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO (Zona Sul)

**FARENSE, 4 — OLANHENSE, 3**  
Embora derrotados, os rubro-negros saíram do rectângulo de cabeça erguida

O Estádio de São Luís, em Faro, registou invulgar assistência — quicá a maior assistência de espectadores nas últimas duas dezenas de anos — com o grande derby de futebol entre as representações de Faro e Olhão. De todas as localidades algarvias, e em diversos meios de transportes, foram de abalada a cidade de Faro muita, mesmo muita gente. De Olhão ausentaram-se para Faro mais de três mil pessoas, que aclamaram entusiasticamente os seus representantes durante os noventa minutos de jogo. O Estádio de São Luís mostrou-se magnífico como cenário, pois as bandeirinhas alvi-negras e rubro-negras davam um colorido espectacular.

Como sempre, este derby regional foi jogado com muito entusiasmo, apego à luta e muita vontade de ambas as equipas. Ao fim e ao cabo, o resultado foi de 4-3, favorável aos locais. O Olanhense, que quanto a nós foi a «melhor» equipa no terreno, perdeu este jogo devido à expulsão de Abade, seu guarda-redes. Além da expulsão deste, o Olanhense sofreu ainda outra: Simões. O Farense jogou durante vinte e cinco minutos com menos um jogador, pois Realito também foi expulso.

Embora a jogar quarenta e cinco minutos com menos dois homens, e ainda um (Parra) na balisa, a equipa jogou admiravelmente e não merecia ser derrotada. O empate seria o resultado lógico desta partida.

Os olanhenses, findo o encontro, saíram de cabeça bem erguida, pois cumpriram admiravelmente.

Os farense e o seu público, como é natural, ficaram satisfeitos por terem arrancado uma vitória com sangue, suor e lágrimas...

No Olanhense, Poeira, Reina e Cavas e ainda Ângelo, merecem nota digna de registro. No Farense, Realito, Bento e Queimado jogaram a grande altura.

A arbitragem do sr. Eduardo Gouveia foi excelente. Com personalidade logo de início, mostrou-se um árbitro correcto e imparcial. Assim, a sua categoria como árbitro internacional ficou bem demonstrada neste encontro, que teve como cenário o simpático Estádio de São Luís.

#### MONTEMOR, 1 - PORTIMONENSE, 0

Os algarvios mereciam melhor sorte

O Portimonense não foi feliz na sua visita ao Alentejo. Embora jogando com muito acerto e defendendo-se admiravelmente, não deixaram de sair derrotados. A equipa foi infeliz, pois nos últimos segundos viu um jogo que aparentava um empate tornar-se uma derrota...

#### NO OLANHENSE

Amanhã realizam-se as eleições para os novos corpos gerentes

Amanhã, segunda-feira, a Sociedade Recreativa Progresso Olanhense, gentilmente cedida para o efeito, será cenário da assembleia geral do Olanhense. Aparecerão ao sufrágio, segundo consta, três listas. Uma delas será presidida pelo médico dr. Joaquim Bernardino da Matta Arthur, que nunca chegou a pedir a quem de direito a sua demissão.

No próximo número falaremos sobre este assunto.

Herouliano Valente

#### O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

# Uma crónica por semana

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

correndo na culpa de prisão. São julgados, vão ao Tribunal da Policia. E se atingem determinado número de prisões e condenações, são entregues ao Tribunal de Execução de Penas que, sob a sua alçada, tanto podem ficar com eles um ano como dez.

Muitos são os que se encontram nesta situação, muitos outros são os que se encontram à beira deste abismo. Mas, se nada mais sabem fazer do que andar com uma padiola a vender — quantos serão os que não sabem o que é o ganha-pão regular de um officio? — mas se é preciso comer, por que não hão-de arriscar-se?

Todos insistem. A luta pela vida tem de ser dura, porque lha endurece a acção da Policia, levada pelos interesses do comércio estabelecido, sobretudo o dos mercados. Pagam alto o aluguer das bancas, pagam alto as muitas contribuições. Chegam, por isso, a requisitar a presença da Policia, a quem pagam, para que a repressão seja mais aturada.

Para quando, pois, uma regulamentação humana do comércio ambulante?

Esta rapariga que vai comparecer no Tribunal da Policia é, por ironia da sorte, uma Estrela. Chamam-lhe a Estrela dos limões. Tem 20 anos, conta um rol de prisões e está à beira de ser entregue ao Tribunal de Execução de Penas. É baixa, franzina, humilde, simples e asseada. Perante o juiz, sr. dr. Júlio Cabral, chora a sua desdita. Estava a vender limões na Avenida Fontes Pereira de Melo, quando foi detida por um guarda à paisana:

— Queres ir presa ou pagas a multa?

Tentou fugir, o guarda correu a apanhá-la, agarrou-a pelos pulsos, lutaram, juntou-se gente, ela pretendeu morder o braço do homem que, na sua própria confissão e maneira de falar, «lhe pregou duas estaladas». A Estrela continuou, porém, a resistir. Vieram dois guardas, e um dos populares que assistiam aproximou-se. Pelas boas palavras, serenou-a, convenceu-a a não resistir. Que fosse, que acompanhasse o guarda...

— Pois bem, vou, desde que não seja para a esquadra da Avenida 5 de Outubro.

Por fim, compreendeu que contra a força não há resistência. Meteram-na num automóvel e lá seguiu para a esquadra. Um dos guardas apresentou uma ferida num dedo, diz ele que produzida por dentada da rapariga. Esta, porém, nega:

— Não fui eu. Ele feriu-se involuntariamente na porta do automóvel.

As testemunhas dizem apenas que viram a ré apanhar duas bofetadas do captor. Não sabem, mesmo, o que se passara antes. Mas o magistrado observa:

— Se a arguida foi agredida pelo guarda, deve queimar-se superiormente. Não estou aqui a julgar os srs. guardas, mas esta mulher. Entretanto, se tivesse de os julgar, não os condenava. Porque, quando um guarda dá uma ordem, é para ser cumprida imediatamente; se tiveram de bater, para se fazer obedecer, fizeram muito bem.

A sentença vem de acordo com este prólogo: 40 dias de prisão, não remível a dinheiro, e 50\$00 de imposto de justiça.

O magistrado lembrou que a ré está quase a atingir o número de prisões que a entregará ao Tribunal de Execução de Penas.

— Escolha outra profissão. É nova, pode adaptar-se a um outro modo de vida.

Mas, de facto, poderá?

(Do «Diário de Lisboa», de 23-1-956)

«Fica lá para cima, para o Alto do Pina, a pastelaria cujo dono adoceceu. E, daí, o filho, o sr. Amílcar, um rapazola bem falante e ainda verde no officio, ir substituí-lo no estabelecimento. De começo, tudo correu muito bem. Mas, a certa altura, apareceu-lhe

lá na loja o «seu» Manuel, um empregado pouco pontual e, para mais, naquele dia, já tocado pelos vapores do álcool. Mesmo assim, serviu um grupo de fregueses conhecidos e esquecidos, porque se foram embora sem pagar.

— Pois eu lhes direi! — desabafou «seu» Manuel! Eu lhes direi, que sei muito bem onde encontrá-los.

O filho do patrão, esse, não queria que o empregado fosse por eles ao clube.

— Que diabo, são pessoas conhecidas!

O empregado, porém, insistia, insistia e o sr. Amílcar acabou por consentir na cobrança.

Quando o sr. Manuel voltou à pastelaria faltavam 20 para as 11. Vinha já francamente embriagado e o patrão mandou-o retirar-se para casa. E a desfazer-se em amabilidades e pedidos de desculpa, o sr. Manuel retirou-se. Daí a pouco, todavia, estava outra vez de regresso.

— Quero os meus dois casacos! Dêem-me os meus dois casacos!

Vendo-o no estado em que estava, o patrão disse-lhe que sim: — Amanhã... Vem cá amanhã...

Mas qual amanhã nem meio amanhã! Havia de ser ali e agora mesmo, teimava o empregado. O vinho subira-lhe à cabeça e dava-lhe para a violência. Desatou aos pontapés à porta. Agora, porém, era demais. O filho do patrão veio cá fora e aplicou-lhe um valentíssimo murro numa das vistas...

— Alto lá!

Tinha aparecido um policia, que levou os dois para a cadeia, donde, no dia seguinte, transitam para o Tribunal de Policia, para ser julgados pelo juiz, sr. dr. Júlio Cabral. «Seu» Manuel ainda tem a vista negra e inchada. E como ele é que é aqui a vítima (vítima do álcool e do soco do filho do patrão), é o sr. Amílcar quem apanha a «fatia» principal. É condenado a 20 dias de prisão, a 30\$00 cada um; três dias de multa, a 15\$00 diários, 100 de imposto de justiça e 250\$00 de indemnização ao empregado. Este, por sua vez, foi condenado a 8 dias de prisão a 20\$00 diários, 5 de multa, a 10\$00, 50\$00 de imposto de justiça e 100\$00 de indemnização ao ofendido.

É que se um provocara alarido, comprometendo a paz e o silêncio da noite, o outro batera num ébrio. E num ébrio não se bate nem que seja com uma flor.

(Do «Diário de Lisboa», de 20-1-956)

### CURSO DE SARGENTOS MILICIANOS a incorporar no corrente ano

Segundo informação do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4, Faro, os mancebos destinados ao curso de Sargentos Milicianos e a incorporar no corrente ano, que estejam nos últimos anos do seu curso, podem requerer o adiamento por um ano. Aos que já no ano findo usufruíram essa regalia, não lhes é permitido novo adiamento.

### PÉRIPLO DE AFRICA

Paquete «SANTA MARIA»  
15 de Agosto a 30 de Setembro

Inscrições e informações:

### WAGONS-LITS/COOK LISBOA

Av. da Liberdade, 103  
Telefones: 31537 (3 linhas)  
31791 (3 linhas)

PORTO - Praça da Liberdade, 12  
Telefone 25040

ESTORIL - Galerias do Parque  
Telefone 060285

Todos os assuntos podem ser tratados por correspondência

**Clinica de Santo António**  
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)  
sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre  
Rua Guilherme Gomes Fernandes  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**Empregada**  
PARA SERVIÇO DE CAIXA  
**PRECISA-SE**  
Resposta a HILDERICO DO NASCIMENTO PIRES  
VILA NOVA DE CACELA - Telefone 14

CONFECÇÕES  
**Viresa, L.ª**  
FÁBRICA DE CAMISAS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



**BONS IMPRESSOS  
E CARIMBOS**  
NA —  
**TIPOGRAFIA SOCORRO**  
FÁBRICA DE CARIMBOS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

# Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

## UMA LIÇÃO SOBRE FABRICO DE CONSERVAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vez, que pode agradar a qualquer empresa.

Os outros, os que precisam da histologia, mecânica, anatomia, fisiologia, física, analítica, etc., juntamente com os conhecimentos literários que o Curso Geral dos Liceus, ou equivalentes, proporcionam, seriam os graduados da Escola Superior do Instituto Português de Conservas de Peixe ao serviço da fiscalização, em todos os centros de produção.

Comentando agora o plano apresentado pelo sr. Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior, para o curso de mestres conserveiros, acho que a matéria é demasiadamente pesada e desnecessária para quem tem de andar com os sapatos encharcados em salmoura, e muitas vezes, a puxar os carros, pois assim é necessário... para começar.

Eu sei que se um conserveiro soubesse toda a matéria exposta no plano referido, a empresa lucraria, mas... as conservas seriam iguais às que hoje se fazem... Ora veja, sr. Director, — como amostra e ainda assim uma pequena parte do plano, — para um simples conserveiro ter como bagagem:

a) **Mecânica** — Conhecimento prático e teórico dos diferentes maquinismos, suas operações, montagem, emprego económico dos materiais, etc., etc., emprestando colaboração, como suposto, ao mais directamente responsável, o serralheiro especializado.

b) **Anatomia e Fisiologia** — (Sem fazer uso do microscópio ou de lentes aplanáticas). Um pouco de tudo; sendo necessário primeiro conhecer a vida das espécies e muito bem a composição das mesmas, o seu desenvolvimento, etc., para determinar, nos diferentes estados e épocas do ano, o tratamento mais conveniente a seguir na fabricação. Depois de fabricadas, ligeiras análises fisiológicas, entre elas as do aspecto, sabor e cheiro. Observação do revestimento, resistência da carne e da espinha, água, gorduras, resíduos minerais, etc., isto em períodos de 15 dias. Em períodos mais dilatados e pelas referências colhidas dos lotes fabricados, acompanhar os progressos da maturidade. Tudo isto, a breve e a longo prazo, contribuiria para o esclarecimento do seu valor e das operações realizadas, controle útil e necessário, porquanto hoje, com dois processos de cozedura da sardinha — vapor húmido e ar quente — as conservas aparecem diferenciadas na sua composição.

c) **Microbiologia** — (Ainda sem microscópio). É o bacillus subtilis o mais correntemente encontrado nas conservas de peixe, da classe dos aeróbios, muito móvel e resistente ao calor. Pode ser a causa de algumas alterações no produto. Contudo, o meio, a temperatura normal de 106.° C. que a indústria utiliza para a esterilização e alta pressão exercida por essa temperatura no interior das latas conseguem destruí-lo ou pelo menos adormecê-lo, evitando a sua actividade, tanto mais que as latas, depois da esterilização, nunca mais voltam à temperatura de 45.° C., ambiente onde poderia viver em óptimas condições. Este bacilo forma esporos, e por isso tudo aconselha a que as operações sejam rápidas e seguidas até ao limite das máximas possibilidades. Outros agentes existem nas conservas de peixe, mas de menor valia; uns, porque podem ser destruídos a 100.° C., outros, porque são raros.

Claro que as alterações do produto podem ser de ordem biológica ou química. Depois do que fica dito sobre bacilos, e partindo do princípio que o peixe foi tratado em condições normalíssimas e a rigor, em todas as operações; na ordem biológica só podemos admitir alteração quando o envase é defeituoso, principalmente na cravação. Pode um lote de latas estar deficientemente cravado.

Se a pressão exercida pela esterilização não deixou perder conteúdo líquido capaz de denunciar, pelo toque, que está imperfeita, depois da esterilização, e, portanto, da dilatação da lata, o arrefecimento produz a contração, e pode ser nessa altura, se alguma cravação não está perfeita, que o oxigénio do ar exterior actue, dando vida ao micro-organismo que lá vai instalar-se, ou já estava, mas inactivo.

Na ordem química pode a alteração produzir-se pela acção de ácidos ou excessos de nitrogénio amoniacal de encontro a uma de-

ficiente camada protectora de estanho na folha (o caso da folha electrolítica), e podendo produzir 60 a 70% de hidrogénio, se a camada se desprende e os ácidos ou excessos amoniacais ficam em contacto com o ferro. Para averiguar a ordem a que pertence a alteração, basta retirar do lote algumas latas de caixas diversas, sem indícios exteriores de alteração, e colocá-las numa pequena estufa eléctrica, regulada automaticamente para 45.° C. de calor, durante 6 dias. Se for biológica, o ambiente propicia o desenvolvimento da cultura da bactérias e as latas saem opadas. Se for química, não saem alteradas exteriormente, dando-se a opagem mais tarde, quando os gases se desenvolvem. É evidente que esta experiência diz-nos a verdade se o lote a observar foi fabricado uniformemente, quanto a matérias-primas, materiais e operações.

d) **Física** — Conhecer, estudando, o vapor da água, sua pressão em relação com a temperatura, para determinar acertadamente o tempo e temperatura na cozedura e esterilização das diferentes espécies, e seus tamanhos.

e) **Esterilização** — Conhecer os vários processos e um pouco da sua história, começando pelo *banho-maria*. Este processo, usado em França desde que Nicolas Appert, em 1804, o tornou conhecido e pôs em prática na sua fábrica de Massy, Seine et Oise, foi trazido para Portugal pelos bretões e durante bastantes anos foi o processo usado para a esterilização. (A acreditar no meu velho alfarrábio, o nome de *banho-maria* provém do processo de aquecimento usado por Maria, a Judia, no começo do século IV, da nossa era) — A água fervendo livremente, e, portanto, à temperatura de 100.° C., necessitava de muito mais tempo e em alguns casos não se mostrava eficiente. Em Portugal, que me recorde, nunca se usou o processo de *tyndallização*, processo que consiste na esterilização a três tempos, 35/45 minutos de cada vez, com intervalos de 24 horas. Eficiente, sem dúvida, mas impraticável numa fábrica de conservas, mesmo de mediana produção. Veio então o autoclave, por pressão, e até hoje é o que se usa, pois consegue-se, num banho seguido, a esterilização de latas até 20 quilos de peso bruto, tendo-se apenas em conta a folha a aplicar, para o envase. Claro que é importante o conhecimento das resistências, para a pressão desenvolvida no interior da lata, visto que a temperatura de 106 ou 107.° C. produz no autoclave uma pressão máxima de 320/340 gramas por cm. 2, ao passo que no interior duma lata, por exemplo de 4/4, essa temperatura eleva a pressão a 10 libras. Outro país estudou e pôs a funcionar um aparelho para a esterilização a *super-pressão*, com um dos quais trabalhámos. Com este aparelho desaparece o inconveniente e o risco da dilatação dos corpos, saindo as latas com o produto perfeitissimamente esterilizado. Mas... como não há bonita sem senão, não é de aconselhar a sua aplicação, nas nossas fábricas, desde que somos obrigados a manter a lata à *décollage*. Conclui-se que o país que mais o utiliza tem a sua total produção em latas embutidas, em folha e alumínio, e quem sabe se em breve em matérias plásticas.

Se acrescentarmos a tudo isto, que já é demasiado, tudo o mais ainda que o plano encerra, teremos de concordar que é realmente muito para o homem prático. Depois de tudo que fica dito, a verdade é que os conhecimentos práticos até hoje fizeram e continuam a fazer escola, onde já duas gerações foram beber o que sabem — e a preparação das conservas é feita com satisfação. E então, valia mais, seria de maior utilidade que o conserveiro se fizesse um bom cozinheiro, em vez de homem de laboratório.

Quer ainda o sr. Director saber? Um processo novo foi introduzido na cozedura do peixe, muito recentemente, por estrangeiros, e não nos consta que para o seu manejo e conhecimentos científicos dos seus efeitos nas conservas se tivesse ouvido exposição autorizada e competente, onde a ciência demonstrasse e esclarecesse os prós e contras do seu uso, porque os tem, na realidade. Repetindo o que já se disse, quer-me parecer, consequentemente, que o homem de laboratório, o homem com o Curso Geral dos Liceus, de preferência ainda o titular do Curso de Escola Téc-

nica que o sr. Amâncio Salgueiro alvitra, ingressasse na escola ou fábrica experimental do Instituto Português de Conservas de Peixe e dali saísse especializado, técnica e cientificamente preparado para a Secção de Fiscalização já existente, teria perfeito cabimento. Assim, creio que os seus conselhos e ensinamentos seriam ouvidos nas fábricas sem empertigamentos desnecessários, antes num sincero e respeitoso espírito de colaboração, a bem das conservas.

Confesso-me afectuosamente grato, e sou respeitosamente admirador.

Porto, Janeiro de 1956.

a) José da Cruz Azevedo

Um carro alegórico do Carnaval de Loulé, que este ano comemora as suas «Bodas de Ouro», é sempre uma nota de graça, de alegria, de bom gosto artístico — onde nunca faltam, como complemento adorável, os sorrisos das algarvias.



## RESPOSTA AO AUTOR DE "UMA CRÓNICA POR SEMANA"

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Dessa auto-maca de que fala o sr. Santos Marques e que, apesar de vir silvando afluivamente a 100 à hora, não conseguiu recuperar o atraso com que iniciou a marcha.

A minha experiência de clínico rural também me dá o direito de, dolorosamente, concordar com a afirmação do sr. Santos Marques, ao dizer que a «Assistência Médica» é um mito. Infelizmente assim é, e era fácil que assim não fosse! Bastava que o orgulho e a megalomania, com que nos encontramos a cada passo, fossem menores ou desaparecessem, para tudo se remediar. Como dizia há poucos dias, S. Ex.ª o ministro do Interior: «Acima de tudo, o doente».

Fora com o orgulho, fora com a falsa deontologia, fora com as gorjetas, fora com tudo o que faz o crédito da medicina, para evitarmos as acusações que o sr. Santos Marques nos faz publicamente. O Governo estabeleceu, de Norte ao Sul e de Leste a Oeste deste Jardim Português, uma vasta rede hospitalar. Esta obra está concluída ou prestes a concluir-se. Os clamores da falta de assistência médica ecoam nas quatro direcções.

Como diz o sr. Santos Marques, existem Juntas de Freguesia, ou Regionais, Caixas Sindicais, Associações de Socorros Mútuos, Companhias de Seguros, Misericórdias, etc. etc. e os clamores da falta de assistência continuam.

Com tanta entidade a socorrer, como se explica tanta falta de socorro? E se todas essas entidades se juntassem, chamando a si todos os médicos que quisessem colaborar, se o dinheiro disperso entrasse num cofre comum e fosse dividido pelos médicos trabalhadores, talvez a assistência se tornasse efectiva. Embora muito me dêa, tenho de apreciar a Crónica, do sr. Santos Marques, a sangue frio e com a autori-

## NOVO QUARTEL dos Bombeiros Voluntários

Tem sido muito estranhada a demora na construção do novo quartel-sede dos nossos valorosos Bombeiros Voluntários, obra já aprovada pelo sr. ministro das Obras Públicas e à qual o ilustre governante prometera comparticipação oficial, vai para dois anos.

Consta-nos que o entrave existente se deve à falta de apresentação do novo projecto do edificio, pelo architecto sr. Jorge de Oliveira, e que só em Abril do corrente ano o referido projecto será entregue, para ser submetido à aprovação daquele membro do Governo.

Fazemos votos por que não sofra mais demoras injustificadas a realização de tão útil e necessário melhoramento.

## SURTIU UMA FICCIÓNISTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

conservador das suas obras ulteriores — que pôs na boca dum dos seus personagens estas palavras penetrantes: «Eu era um desses imbecis que julgam que existem, por um lado, as amoras desinteressadas e, por outro, as desavergonhadas que só buscam o dinheiro. Como se, na maioria das mulheres, a inclinação amorosa não fosse acompanhada pela necessidade de serem mantidas, protegidas, amadas...». Lavínia não foge a esta simultaneidade e é só pela impossível satisfação de ambos os desejos de amor e protecção que a sua vida se decide, por aquela situação segura e protegida, mas no fundo da qual reside o travo do seu conformado conformismo.

João Gaspar Simões, na página de «Artes e Letras» do «Diário de Notícias», de 12 de Janeiro último, saudando a sua autora, vê em «O Pecado Invisível» uma expressão bem delineada do ro-

mance psicológico; psicológico no sentido de não interferência do social no conflito narrado, traduzindo «a força desse pecado invisível do ponto de vista social». A nós afigura-se-nos bem o contrário. A escritora consegue, sem sair dos limites que se traçou — os da própria mentalidade da protagonista (com que fidelidade e pureza interpretada!) — erguer diante de nós um José Tomás vivo, na sua real fraqueza e enganador orgulho, um pai ambicioso e impondo a sua doença com os seus preconceitos e aspirações, e ainda outras figuras reais. Mas nelas estigmatiza aquelas circunstâncias de que emergem, o quadro em que se movem como num círculo estreito e tolhedor de vãos. Por exemplo, quando Lavínia se sente culpada da morte do pai, até que o sentimento da culpa se dilui com os anos, transmutando-se em mera recordação, Patrícia Joyce aponta-nos e descreve-nos esse sentimento de culpa de tal forma, sem sair embora do que narra ou recorrer à expressão *directa*, que o leitor apreende que a culpa está nos outros, na sociedade e nas formas de organização de vida em que os protagonistas se movimentam. E o mesmo sucede com a figura e a personalidade de José Tomás, produtos duma classe, das respectivas condições de vida e preconceitos. Por tal forma que poderemos dizer que o verdadeiro tema deste livro é o conflito entre a natureza humana tendendo para o amor e a espontaneidade e as condições históricas que lhe são adversas, a florista de inibições, de frustrações e «tabus» que cerceiam essa natureza, impossibilitando os impulsos mais naturais e espontâneos de se realizarem prática e espontaneamente, recalando-os, convertendo-os em melanólicas manifestações de espiritualidade, de saudosismo ou de sensibilidade, como na consciência de Lavínia.

## À JANELA DA SAUDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

to para além de Faro. E agora? O alarme puxou-lhe todos os cordelinhos do medo. E agora?

As almas bondosas estão em toda a parte — embora só se possam manifestar, normalmente, quando a oportunidade surge.

Um senhor, que seguia no mesmo comboio para Lisboa, prontificou-se a emprestar-lhe dinheiro para o regresso. Muito bem. Outro senhor, empregado do Caminho de Ferro, proporcionou-lhe onde dormir, em Tunes. Novamente muito bem. E o rapazito surgiu em casa, a desoras, quando não se esperava por ele. Dormindo, na carruagem, nem o irmão, que o fora esperar, dera com ele!

Agora... Não sei, mas sempre digo; a pergunta baía desabridamente e quer estampar-se no jornal. Aqui vai ela, pois:

—Estará isso certo? Não haverá qualquer parcela de culpa de quem lhe verificou o «passe»? Um rapazote de 12 anos, conhecido da viagem diária no caminho de ferro, poderá passar assim tão despercebido? Bem, agora passou a tempestade. O barco chegou a salvo ao porto. Não se fala mais nisto...

### JUVENTUDE?!

DEZOITO anos. Dois filhos, um de oito meses, ao colo. Cara doentia. Uns olhos de humildade profissional. Andrajós cobrem o rebento, cansando mais os fracos braços maternos.

—Quería falar-lhe em particular...

—A mim?!

—Sim, senhor. A si. Só a si, sem que mais ninguém ouça. Momentos depois, desabafava:

—O meu marido está com outra mulher. Deixou-me doente, com duas crianças pequeninas. Agora saf do hospital. Não posso dar de comer às criancinhas. Que hei-de fazer?

Pode emprestar-me cinco escudos, para pão?

Ante uns segundos de forçado silêncio, reforçou o ataque:

—Bem, tenho 18 anos. Mas sou doente dos pulmões. Não posso trabalhar. Mas à tarde dão-me um dinheirinho. E eu venho logo em seguida pagar-lhe. E só...

Não a deixei completar a pretendida explicação. O sorriso com que se despediu de mim compenhou bem o luto que me deixara no coração...

### PONTO FINAL

Sem trova, não há a prova de que o trovador é real... E é mui simples, afinal:

—Quatro versos, e eis a trova!

A. Vicente Campinas

Marques o que lhe pode dizer um modesto clínico de provincia, que põe sempre o coração, a inteligência e os fracos conhecimentos que possui, no tratamento do doente que a ele recorre, que gasta as suas horas vagas com palestras de educação sanitária do povo, que nunca levou 100\$00 por consulta nem trata os doentes por tu.

Albano Amorim de Lencastre

## À JANELA DA SAUDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

to para além de Faro. E agora? O alarme puxou-lhe todos os cordelinhos do medo. E agora?

As almas bondosas estão em toda a parte — embora só se possam manifestar, normalmente, quando a oportunidade surge.

Um senhor, que seguia no mesmo comboio para Lisboa, prontificou-se a emprestar-lhe dinheiro para o regresso. Muito bem. Outro senhor, empregado do Caminho de Ferro, proporcionou-lhe onde dormir, em Tunes. Novamente muito bem. E o rapazito surgiu em casa, a desoras, quando não se esperava por ele. Dormindo, na carruagem, nem o irmão, que o fora esperar, dera com ele!

Agora... Não sei, mas sempre digo; a pergunta baía desabridamente e quer estampar-se no jornal. Aqui vai ela, pois:

—Estará isso certo? Não haverá qualquer parcela de culpa de quem lhe verificou o «passe»? Um rapazote de 12 anos, conhecido da viagem diária no caminho de ferro, poderá passar assim tão despercebido? Bem, agora passou a tempestade. O barco chegou a salvo ao porto. Não se fala mais nisto...

—Quería falar-lhe em particular...

—A mim?!

—Sim, senhor. A si. Só a si, sem que mais ninguém ouça. Momentos depois, desabafava:

—O meu marido está com outra mulher. Deixou-me doente, com duas crianças pequeninas. Agora saf do hospital. Não posso dar de comer às criancinhas. Que hei-de fazer?

Pode emprestar-me cinco escudos, para pão?

Ante uns segundos de forçado silêncio, reforçou o ataque:

—Bem, tenho 18 anos. Mas sou doente dos pulmões. Não posso trabalhar. Mas à tarde dão-me um dinheirinho. E eu venho logo em seguida pagar-lhe. E só...

Não a deixei completar a pretendida explicação. O sorriso com que se despediu de mim compenhou bem o luto que me deixara no coração...

### PONTO FINAL

Sem trova, não há a prova de que o trovador é real... E é mui simples, afinal:

—Quatro versos, e eis a trova!

A. Vicente Campinas

Marques o que lhe pode dizer um modesto clínico de provincia, que põe sempre o coração, a inteligência e os fracos conhecimentos que possui, no tratamento do doente que a ele recorre, que gasta as suas horas vagas com palestras de educação sanitária do povo, que nunca levou 100\$00 por consulta nem trata os doentes por tu.

Albano Amorim de Lencastre

Armando Bacelar

Visado pela Comissão de Censura

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.